

Entrevista com a professora Maria Adélia Aparecida de Souza*

Geosul: Hoje, temos o prazer de ter conosco a Professora Maria Adélia de Souza, para entrevista**. Começando, gostaríamos de pedir para você falar sobre sua vida, onde nasceu, como foi sua infância e sua juventude.

Maria Adélia: Esta pergunta é ótima e sempre foi motivo de grandes risadas entre eu e Milton Santos. Ele sempre diz que sou moça chic, grã-fina e bem nascida. E, todas as vezes que falo sobre as minhas origens, ele diz que falto com a verdade. Eu fui feita em Andradas, no sul de Minas, mas fui nascer em Espírito Santo do Pinhal, cidade vizinha da Baixa Mogiana, no Estado de São Paulo. Fui nascer em Pinhal pois, segundo me contaram, naquela época Minas era um estado muito pobre e as famílias achavam que era importante nascer em São Paulo. Mas penso que isto era pilhéria, pois a verdadeira razão para que eu nascesse em Pinhal era que toda a família da minha mãe é pinhalense e lá ela teve todo apoio que necessitava para ter sua primeira filha. Mesmo porque meu pai viveu em Andradas e lá foi registrado e está enterrado, no seu cemitério, ao pé da Mantiqueira. Começo, portanto, minha vida já com um embate geográfico sobre o meu lugar de nascimento. Meu pai, que falava muito pouco sobre sua origem, pois ficou órfão muito cedo, era filho de imigrantes portugueses, provavelmente da cidade do Porto, gente muito simples. Segundo histórias que tenho fragilmente guardadas na memória, meu avô foi mandado para

* Professora Titular de Geografia Humana da USP (aposentada); endereço: Av. Papa João Paulo I nº 1122, Campinas SP (CEP: 13 094 - 650); e-mail: m.adelia@uol.com.br. Entrevista revisada pela professora Maria Adélia de Souza em setembro de 2002.

** Entrevista realizada em Florianópolis, em 29/05/2001 durante a realização da XXII SEMAGeo, com a participação dos professores Maria Dolores Buss, Luis Fernando Scheibe, Ivo Sostizzo, Ewerton Vieira Machado e Sandra Maria de Arruda Furtado.

Angola, ainda moço, a serviço do exército e de lá veio para o Brasil e nunca mais regressou a Portugal. Morreu assassinado em Andradas. Meu avô, José Alberto era um artesão, mecânico e serralheiro, ofício que ensinou a seus filhos ainda meninos. Minha avó, Maria da Glória, dona de casa e excelente cozinheira, trabalhava na fazenda onde viviam em Espírito Santo do Pinhal, antes de viverem em Andradas. Meu avô montava “usinas” de cana de açúcar. Eu até hoje tenho o pequeno manual de destilaria que ele utilizava, cuja edição é do início do século XX, uma relíquia que guardo com carinho. Por estes caprichos e surpresas que a vida nos reserva, o saudoso Hélio Leite, ex-Prefeito de Espírito Santo do Pinhal, filho do dono da Fazenda São Pedro onde minha avó era cozinheira, em Nova Lousã, distrito de Pinhal, viria juntamente com a Câmara Municipal me outorgar o título de Cidadã Emérita pelos serviços que prestei a minha terra, como geógrafa e planejadora. Compartilhar da alegria de meu pai, naquela noite de festa foi uma das maiores emoções da minha vida. Tenho o maior orgulho desta minha história de vida, que Milton insiste em dizer sempre que estou brincando. Meu pai não tinha escolaridade alguma, nem concluiu o primário. Aprendeu com o pai a ser ferreiro, mecânico e serralheiro. Porém adulto, ganhou a vida, durante anos, como motorista de ônibus da antiga Viação dos Irmãos Bizachi, em Pinhal. Habilidoso e inteligente como era, quando nasci, ele já tinha uma pequena serralaria onde muitas vezes quebrei carvão de pedra para o pequeno forno que possuía para dar formas aos ferros e construir móveis e vitrais. Assim vivi em São João da Boa Vista, durante toda minha meninice e juventude, até prestar o vestibular e começar a estudar na USP, em 1959. Em Pinhal eu vivi o ano de 1948, com meus avós maternos, para fazer o primeiro ano do curso primário no Grupo Escolar Almeida Vergueiro. Em seguida passei a estudar, a partir do segundo ano primário no Grupo Escolar Coronel Joaquim José em São João da Boa Vista e depois no Colégio Estadual e Escola Normal Cristiano Osório de Oliveira até terminar o terceiro científico. Do lado materno, venho também de uma família de

imigrantes, porém italianos que saíram da Itália antes da Guerra Mundial, foram para a Amazônia (Óbidos) e depois vieram se estabelecer em Espírito Santo do Pinhal. Minha mãe, italiana de San Constantino de Rivello, província de Potenza, ao Sul da Itália, é trazida com a mãe e um irmão para o Brasil, em 1923. Meu avô já havia se instalado em Pinhal e retornou à Itália para buscar a mulher e os dois filhos. Meu avô materno viajou com os tios para Óbidos, com 16 anos, no início do século XX e lá trabalhou até amealhar recursos para voltar à Itália e se casar. Com o prenúncio da I Guerra Mundial ele volta ao Brasil, agora para Espírito Santo do Pinhal, onde também tinha parentes e aí decidiu se estabelecer como comerciante de atacados: lidava com farinha de trigo e vinho. Minha mãe tem como origem um lado camponês, de seu pai e outro de intelectuais, profissionais e religiosos de sua mãe. Sempre vivi no cerne da dialética entre a riqueza e pobreza, daí as pilhérias de Milton. Minha avó vem para o Brasil juntamente com uma irmã. Esta, também casada com um italiano, vai para Cordsburgo em Minas Gerais e depois para Belo Horizonte. Estes foram meus padrinhos de batismo: meu tio Braz Pellegrino, médico, fundador da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais, grande amigo de Guimarães Rosa, é pai de Hélio Pellegrino, psiquiatra e grande intelectual, homenageado por Luíza Erundina quando Prefeita de São Paulo, dando seu nome a uma importante avenida da metrópole paulista. Hélio foi perseguido pelo regime militar, tendo uma ativa participação nas lutas democráticas e, creio eu, foi também um dos fundadores do PT, lá no Rio de Janeiro. Meu irmão médico, o único que tenho, foi presenteado por meu padrinho com livros de medicina que pertenciam a Guimarães Rosa. Uma relíquia da família.

Geosul: E a sua formação Escolar?

Maria Adélia - Como disse, eu fiz meu curso primário em Espírito Santo do Pinhal e São João da Boa Vista. Nesta cidade fiz praticamente toda a minha vida escolar, do segundo ano primário ao terceiro científico. Morei em Andradás até os 7 anos de idade. Meu pai não andava bem com seu trabalho e foi convidado a ir

para um distrito de Mogi Guaçu, chamado Estiva, hoje município denominado Estiva Gerbi. Naquela época Estiva era um lugarejo que vivia em função de uma Estação da Estrada de Ferro Mogiana e de uma pequena cerâmica da família Gerbi, que hoje possui um verdadeiro império ligado à indústria de azulejos, ladrilhos e componentes do gênero. Minha mãe, que cursou Farmácia na Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, depois de deixar a farmácia que o pai lhe dera de presente de formatura em Pinhal para se casar com um motorista de ônibus, tentou em Andradas, depois na Estiva e finalmente em São João da Boa Vista, sobreviver com sua farmácia. Sempre desconfiei que sua enorme generosidade jamais permitiu que sua vida no mundo dos negócios desse certo. O mesmo acontecendo com meu pai. Venho de uma família de pais exageradamente generosos e assim fui criada. Provavelmente esta minha história é que faz de mim uma pessoa extremamente apaixonada por tudo que faço, indo sempre às últimas conseqüências dos meus atos. Como na Estiva, como dizíamos não tinha escola, fui para Pinhal fazer o primeiro ano do Grupo Escolar, morando com meus avós maternos, em uma casa com mais nove tios. Desnecessário dizer o quanto fui mimada e amada, sendo a primeira neta e a primeira sobrinha de uma enorme família de italianos. Depois meus pais se mudaram para São João da Boa Vista, sempre tentando se acertar na vida, um serralheiro e uma farmacêutica. Eu sempre fui muito estimulada a estudar por minha mãe que representava a racionalidade da casa e por meu pai homem inteligente, com enorme sensibilidade e um músico como poucos, além de excelente motorista e mecânico. Esta é a base da minha história de vida, meus fundamentos que até hoje são regras para a minha existência; uma busca permanente para entender as coisas do mundo. E, o que me conduzia a cada vez mais entender a minha própria história e as coisas do mundo, só poderia ser a filosofia ou a geografia. Hoje sei que ambas são quase a mesma coisa. Entendi perfeitamente o que Milton quer dizer quando nos ensina que a Geografia é uma filosofia das técnicas. Mas a Geografia sempre foi minha grande paixão, desde o colégio,

mesmo quando tinha que decorar nomes de rios, cidades, capitais, altura de montanhas e toda aquela envelhecida prática do ensino da geografia. Eu sempre tive dificuldades para a “decoreba”. Tenho memória criativa e não “armazenativa”, se pudéssemos falar assim. Tive um excelente professor de Geografia no curso ginásial e no científico, Professor Romeu Menezes Cabral, que foi decisivo na minha vocação. Eu jamais quis ser outra coisa. Sempre quis ser geógrafa e professora de Geografia. Foi assim que prestei vestibular no Departamento de Geografia da USP em dezembro de 1958 e iniciei meu curso em março de 1959, terminando minha licenciatura em dezembro de 1962. Minha turma começou tendo aulas na Rua Maria Antonia, histórico prédio da Faculdade de Filosofia, e depois nos transferimos para a Cidade Universitária, no prédio da Reitoria Velha como é conhecido hoje. Continuamos apesar disso a ter aulas na Maria Antonia (Antropologia, Etnografia. Língua Tupi-Guarani), na Alameda Gleite tínhamos Geologia e, também na cidade Universitária, Botânica.

Geosul: Quem foram seus mestres na USP?

Maria Adélia - Eu tive, como aluna, uma influência muito grande da Professora Nice Lecocq Muller. Ela me introduziu na chamada Geografia Urbana onde estou até hoje. Foi a Professora Nice quem me deu as primeiras noções de método na pesquisa. Já, aprender a fazer o discurso crítico, foi com o Professor Pascoale Petrone. Com meu querido professor José Ribeiro de Araujo Filho aprendi a me apaixonar pela Geografia do Brasil, junto com Aroldo de Azevedo, Professor Penteado e Luiz de Melo. Construí, como aluna também, grandes laços afetivos que guardo com carinho até hoje: falo da Professora Lea Goldenstein e Elina, amigas queridas até o presente. Fui aluna do Professor Aziz Ab'Saber que na época me conquistou para a Geomorfologia. A racionalidade dessa abordagem do planeta me encantava, pela sua natureza técnica: o conhecimento da paisagem dita natural se fazia por medições e análises dedutivas extremamente coerentes com o meu potencial cartesiano. Muita gente ainda faz dessa abordagem da geografia, uma abordagem técnica. Poucos são os geógrafos chamados

físicos, como Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro ou Ana Coelho do Rio de Janeiro que conseguem filosofar sobre as paisagens. Penso que, já passa o tempo de se fazer uma profunda discussão epistemológica sobre a geomorfologia e sobre a chamada geografia física e refundir as disciplinas que cuidam dos movimentos da natureza, privilegiando-os. Sinto que, por não proceder a esta discussão, a nossa geografia física vem se tornando cada vez mais uma ciência auxiliar da Geologia, da Biologia, tornando-se o que muitos denominam de ciência ambiental. O que é a geologia ambiental abordada pelos geólogos mais *lights*, a não ser a geomorfologia revisitada?

Geosul: Como é essa geomorfologia que você se referiu anteriormente?

Maria Adélia: Hoje, as Ciências da Terra tem um objeto específico que é aquele de compreender a evolução das formas físicas do planeta. Isto exige um método que a Geomorfologia, a Climatologia, a Oceanografia têm. Assim, estudei logo no início da segunda metade do século XX, quando fiz Geografia na USP e depois em Paris. No entanto, nos últimos quarenta anos o mundo mudou e, conseqüentemente novos paradigmas precisam ser construídos para a sua compreensão. A Geografia, mais do que qualquer outra ciência, que se preocupa com o estudo do Planeta, precisou enfrentar este desafio, e o fez. Ao invés de discutirmos se a Geografia deva ser Física ou Humana, como diria o Milton, o mais importante é discutirmos sobre seu objeto. Para mim, para a Geografia que ensino e pesquiso, é o espaço geográfico; esse objeto é uma instância social. Portanto, ele não admite a dissociação entre homem e natureza, a segunda natureza. E mais, o espaço geográfico é uma totalidade, que hoje entendo que começava já a ser buscada por Vidal de La Blache quando propõe à Geografia Humana, a realização da monografia regional. Um esforço de método para juntar sociedade e natureza, ainda que utilizando o método analítico descritivo. No entanto, na Geografia, ainda hoje, os colegas precisam de uma mediação técnica para fazer geografia. O que é, por exemplo a Climatologia? Até mesmo

a Geomorfologia? Quando faço esta afirmação, não quero dizer que estas abordagens, quase sempre técnicas, pois vinculadas à medição e a descrição, não sejam importantes. Ao contrário! Penso que meus colegas da chamada Geografia Física estão, salvo honrosas exceções, perdendo uma excelente oportunidade, que aliás o planeta vem exigindo e que estes geógrafos não estão fazendo, que é aquela de filosofar sobre a constituição e formação da geosfera, em constante movimento, fortemente ditado por uma racionalidade física. Esta compreensão exige, sem dúvida uma abordagem interdisciplinar que não deve se restringir apenas às ciências exatas ou duras, mas precisa ser ampliada a outras abordagens disciplinares. Esta ausência de discussão teórica e filosófica poderá fazer dos cursos, como aquele onde trabalho na UNICAMP denominado de Ciências da Terra, um juntado de informações, sobretudo técnicas e quantitativas, distante de uma reflexão mais profunda sobre a vida no Planeta, pois é disso que a ciência, em todas as suas dimensões deve abordar, quanto ao mais, as ditas ciências da terra. Não há ciências da terra dissociada das ciências do mundo, especialmente no tempo presente, neste período histórico em que vivemos. A geologia faz uma *interface* enorme com a geomorfologia. Quando sai disto, é geografia. Eis uma bela polêmica acadêmica e científica. Claro que estou sempre, ao fazer tal afirmativa pensando no objeto da geografia, o espaço geográfico, *este sistema indissociável de objetos e ações*. Durante três anos dei aulas com os colegas da Geologia na UNICAMP. Eles ministram um conhecimento técnico na disciplina em que trabalhamos juntos: ensinam a medir o tempo longo, onde poderiam também, por exemplo introduzir uma discussão filosófica sobre movimento e energia (força). No entanto, não é possível permanecer apenas nas leis da física, pois o planeta também gerou a vida e isto não é apenas uma discussão da biologia, mas sobretudo da filosofia. Caso contrário, então, para que defender a vida no planeta, de todos os seres vivos? Trata-se, portanto de introduzir a ética, nos cursos de geografia, de geologia, ou de ciências da terra, se preferirem. Nenhum cientista pode se dissociar

da reflexão sobre a vida, nem os geólogos, nem os geógrafos. E, quem nos permite refletir sobre a vida é a ética e a filosofia. Quem deveria fazer esta reflexão, nas ciências da natureza? A geomorfologia? Será ela uma ciência, uma disciplina ou uma abordagem técnica? Eis outra polêmica. Para dar continuidade a ela, é necessário que seja construída a sua epistemologia e identificar seu objeto. Daí será possível discutí-la. Creio que insistir na discussão epistemológica da geografia é a melhor maneira de verticalizar o seu conhecimento e minimizar o travestimento dos geógrafos em geólogos, biólogos, sociólogos, economistas, cientistas políticos, sociólogos, para dizer o mínimo. O mundo mutante de hoje exige dos acadêmicos um trabalho infinito e uma reflexão vigilante que impeça a produção do discurso fácil apresentando-se como sendo o texto rigoroso, acadêmico. Tivemos, Milton e eu, a felicidade de produzir algumas poucas reuniões de um pequeno grupo de discussão que formamos logo depois da realização do encontro intitulado O NOVO MAPA DO MUNDO. Este grupo constituído, além de nós dois, pelo Octavio Ianni, Renato Ortiz, Lucrecia Ferrara e por lá apareceu também a Lylian Coltrinari. Manhãs maravilhosas onde passamos discutindo, com olhares diversos buscando a interdisciplinaridade do tal mundo da globalização. Lembro-me o quanto aprendi com Lylian, na reflexão que trouxe, sobre esta epistemologia da geomorfologia a que me referi, quando nos falou sobre o mundo tropical. Lamentavelmente as aposentadorias precoces e as loucuras do mundo nos impediram de continuar a nos encontrar.

Geosul: Professora Maria Adélia, resgatando aquela pergunta sobre formação acadêmica, você fez a graduação na USP e sua pós-graduação com Celso Furtado e Michel Rochefort?

Maria Adélia: Eu fiz minha graduação no Departamento de Geografia da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, de 1959 a 1962. A Faculdade hoje chama-se Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Neste período, além de estudante sempre fui militante do movimento estudantil, sendo secretária geral e vice-presidente do Grêmio da Faculdade de

Filosofia que, naquela época, juntamente com os grêmios da Politécnica, da Medicina e da Faculdade de Direito era o mais importante, pois congregava o maior número de associados. Eu nunca separei a militância acadêmica e científica da minha vida na universidade. Quando estava no último ano da Faculdade, conheci o Professor Pierre Monbeig que veio dar um curso no Departamento de Geografia da USP e foi fazer uma palestra onde eu fazia um estágio, levada por um grande amigo e colega que já nos deixou, o economista Pedro Calil Padis. Este estágio se realizava na SAGMACS - Sociedade de Análises Gráficas e Mecanográficas Aplicadas aos Complexos Sociais. Era uma organização que os padres dominicanos criaram vinculada ao movimento Economia e Humanismo, e que introduziu no Brasil a idéia do planejamento territorial. O líder desse movimento, entre outros como François Perroux era o Padre Jean-Louis Lebret, dominicano que foi um grande filósofo do desenvolvimento. O Padre Lebret foi assessor dos papas João XXIII e João Paulo I. Tive o privilégio de me tornar uma grande amiga do Padre Lebret, de quem não posso jamais me esquecer, não apenas pelo que com ele aprendi, posteriormente como meu professor em Paris, mas também porque foi ele quem me apresentou a neve. Enorme emoção ver uma nevasca em Paris, nos idos de 1963, em plena rue Saint-Honoré, onde funcionava o IRFED - Institut de Formation en vue du Développement Harmonisé, onde fiz minha primeira pós-graduação, auxiliada pelo próprio Lebret e por Pierre Monbeig, que facilitaram minha inscrição no Instituto. Além de Lebret e Perroux, este grande economista do século XX, faziam parte do movimento Alfred Sauvy, o “papa” dos estudos sobre população, de quem fui aluna, Jean Labasse, nosso colega que produziu o pioneiro livro sobre “Os Capitais e a Região”. Conheci o Professor Monbeig na Biblioteca da SAGMACS, quando lá entrou acompanhado do Frei Benevenuto de Santacruz, meu querido amigo Bené, coordenador do movimento no Brasil. Logo que soube que eu fazia Geografia, no terceiro ano do curso ele me disse: quando você se formar precisa ir à França. Levei a sério esta idéia e quando me formei,

enviei uma carta ao Professor que confirmou seu convite e ajudou-me a conseguir uma bolsa de estudos para iniciar o meu processo de pós-graduação no IRFED. Este foi um instituto pioneiro no mundo a desenvolver teorias e a se preocupar com o subdesenvolvimento, formando quadros técnicos para os países pobres. Foi lá que conheci colegas do mundo pobre, vindos da Argélia que recém se libertara da França, do Senegal, do Haiti, de São Domingos, do Gabão, do Togo, de Trinidad, da Indonésia e mesmo da Bélgica e da própria França. Passamos um ano inteiro discutindo sobre a pobreza no mundo e tendo conhecimentos disciplinares que nos ajudavam a formular programas e projetos para fazer com que nossos países evoluíssem, se desenvolvessem como dizíamos naquela época. E, acreditávamos piamente nisso! No IRFED haviam várias opções de especialização. Eu escolhi *Aménagement du Territoire*, isto é, Planejamento Territorial. Independente da modalidade tínhamos, todos os alunos (éramos uns 20), um curso básico onde aprendíamos estatística, contabilidade pública, macroeconomia, concepções sobre cidadania e valores civilizatórios, economia rural. Ao final do curso recebemos um certificado de especialistas em desenvolvimento. Quando terminei este curso o Professor Monbeig sugeriu que eu continuasse e me propôs fazer um Diploma de Estudos Superiores, que naquela época correspondia ao Mestrado. Quando eu era ainda estudante de Geografia, a SAGMACS foi contratada pelo governador Nei Braga, para fazer o Plano de Governo do Paraná. Tive a felicidade de participar, como estagiária, da elaboração desse plano, realizando um fantástico trabalho de campo com a equipe sênior da SAGMACS . Eu fui fazer a pesquisa de campo. Eu era *bagre, escravo*; me disseram: vai lá e passa esses questionários. Fui juntando aquele material todo, quando o professor Monbeig falou para eu fazer o mestrado e que ia me apresentar um brasileiro, eu disse o que eu gostaria de estudar; influenciada pela professora Nice Müller, eu já comecei a priorizar esta questão da urbanização. E queria estudar a urbanização do Paraná porque tinha lido os textos do professor

Valverde, de agrária e fragmentação do território paranaense. Comecei intuitivamente a estabelecer a relação entre a exploração da terra e a urbanização; eu achava que não podia explicar isso só com a geografia. Eu tinha que ler outras coisas para entender a urbanização. E ele me disse: então você vai conhecer um economista e vou pedir a ele que te oriente. Aí, ele me apresentou o professor Celso Furtado que tinha se exilado na França e estava dando aula no Instituto da América Latina. E o professor Monbeig, na época era o diretor desse instituto. Então, eu fiz com o professor Celso Furtado o Diploma de Curso Superior, porque na época não existia esta coisa de mestrado. Porque mestrado é produto da organização acadêmica anglo-saxã e só chegou na França muito tempo depois. E foi um privilégio para mim que aprendi economia, sendo inclusive colega de classe de Manoel Corrêa de Andrade. Eu e Manoel, que chegou exilado, sentávamos lado a lado e morávamos na Maison du Brésil, na Cidade Universitária de Paris. Manoel já era uma pessoa importante. Ele é de uma cultura histórica e geográfica que acho que no Brasil poucas pessoas detêm. E tive a sorte de ter Manoel e Milton Santos como colegas. Eu trombei com o Milton indo para uma orientação com o professor Celso Furtado, que era uma pessoa muito rigorosa. Estava adiantada para o encontro e dei uma passadinha numa livraria pois sabia que tinha saído um trabalho do Milton muito importante, chamado “Manual de Economia Urbana”, onde ele funda o conceito do informal, em 1965. Eu, então atrasada para o encontro com o Prof. Celso Furtado em um café na Praça da Sorbonne, dou uma trombada com um *cara*, deixei car todo o material que trazia nos braços, e quando eu olho era Milton! Eu olhei bem para a cara dele que me ajudou a catar minhas coisas, e aí viu que eu tinha comprado a apostila desse curso sobre economia urbana que ele estava dando na Sorbonne. Ele percebeu que eu o reconheci e ficou calado. Eu pensei: vou deixar ele falar primeiro. Mas ele não falou e eu tive que falar: professor ... Aí ele falou: Ah, você é brasileira! E eu falei: sou uma brasileira que vem comprar sua apostila! Desde esse dia do ano de 1966 a gente nunca

mais se separou, um amigão querido. Fiz o meu mestrado com o professor Celso Furtado, num clima de horror, porque ele não é brincadeira! Para vocês terem uma idéia, ele tinha 16 orientandos, chilenos, argentinos, brasileiros, pessoal da América Central. Manoel Corrêa já era titular e só assistia os cursos, que eram realizados por um corpo de professores muito interessante: Kaiser, Olivier Dollfus, e alguns outros. O professor Celso dava as aulas e as orientações. Com ele é que eu aprendi a fazer o que eu faço até hoje com a pós-graduação. Ele não recebia aluno que não mandasse antes pelo correio as suas dúvidas e o que havia lido. Quando você chegava, ele tinha 15 minutos para lhe orientar, e nem um minuto a mais. Nestes 15 minutos ele respondia as suas dúvidas e lhe dava bibliografia para estudar até o próximo encontro. E uma vez por mês, cada orientando tinha que fazer um seminário. Ele poderia convocar um outro seminário dependendo do que tinha achado deste. Só que o seminário era eliminatório; você caia fora da pós-graduação, perdia a bolsa e tinha que voltar para casa. Então, de 16, no segundo ano, fomos 3 para a banca: 2 chilenos, uma moça do norte do Chile, um sociólogo e eu. A banca era o professor Celso Furtado, o professor Monbeig presidindo e o Bernard Kaiser. Eu tive neste período a maior gastrite da minha vida, depois também nunca mais tive nada; foi o mais difícil período da minha vida acadêmica. Quando saí da banca, ao terminar minha defesa, levei uma hora e meia para ter coragem de ir lá saber o resultado, com medo de ser reprovada. Mas, modéstia a parte, fui a única a ser aprovada! Aí ninguém mais me seguiu, porque se eu passei por esta... . Eu estudei muita economia, macroeconomia. O professor Monbeig, me ajudou muito, ficou meu amigo até morrer. Tive o prazer de convidá-lo para São Paulo, quando fui secretária executiva da comissão de 50 anos da USP. Eu era prefeita da USP e fizemos uma grande homenagem a ele. Durante muitos anos ele se dedicou à vida administrativa, deixou de ser geógrafo e passou a ser uma pessoa importante na gestão da pesquisa francesa, e ajudou muito as ciências humanas ...

Geosul - E a própria USP. Outro dia vindo uma entrevista do Antônio Cândido falando sobre a USP, ele falou que entre os franceses, o papel do Pierre Monbeig ...

Maria Adélia- Ele era muito inteligente. E acho que ele fez o mais bonito trabalho de compreensão da formação territorial paulista. O professor Ari França era assistente do professor Monbeig. Não há dúvidas que o professor Ari participou ativamente das pesquisas. Depois ele (professor Monbeig) foi se dedicar à gestão da pesquisa e deixou a geografia. A vida toda eu sempre fui sua amiga e toda a vez que eu fui à França, nestes 40 anos, ele sempre me recebia em sua casa, reunia sua família e várias pessoas. Lá eu conheci o Jacques Chonchol, ex-Ministro da Agricultura do presidente Allende do Chile.

Geosul- E suas aprendizagens com o Rochefort ?

Maria Adélia - Bom, aí eu terminei o mestrado e o professor Monbeig falou-me: “você não vai voltar para o Brasil, vai fazer o doutorado”. Aí, já que eu fiz o mestrado estudando a urbanização do Paraná, e apesar de ser um texto insuficiente, eu mostrava que nos países pobres como o Brasil, a urbanização se relacionava com a agricultura e não com a industrialização, como acontece na Europa. É preciso ter cuidado quando se usa bibliografia européia. Aqui a origem da urbanização se relacionava com a agricultura e com a natureza da colonização, o que na época era uma interpretação inédita.

Geosul- Você trabalhou com o norte do Paraná?

Maria Adélia- Com o Paraná inteiro. O professor Celso Furtado achou meu tema de pesquisa interessante onde eu procurava explicar a urbanização multidisciplinarmente. Então a minha dissertação tem um pouquinho de história, de economia. Eu pegava argumentos destas disciplinas para explicar que no caso brasileiro, pegando o Paraná que era um Estado de colonização recente e já conhecia, nos anos 60, uma explosão urbana ligada à ocupação da terra e à agricultura. E claro, utilizei muito os textos do professor Orlando Valverde. Nesta época a USP começava a ter doutorado. Tinha feito doutorado na USP, o professor Lino de Mattos, o

professor Aziz, o professor Petrone. Instituí-a-se, pouco a pouco na USP, a carreira acadêmica. O professor Monbeig falou-me: “agora você vai fazer doutorado em Geografia, e quem vai lhe orientar é um jovem professor que fez uma tese muito bonita sobre urbanização, que eu acho que você vai gostar”. Me pegou pelo braço e foi me apresentar ao professor Michel Rochefort. Eu expus ao professor Rochefort o que eu estava querendo estudar, ele topou e aí eu fiz meu doutorado. Ele me explicou o esquema do doutorado lá, muito interessante, onde ele indicava o lugar dos cursos que você tinha que fazer. Eu fiz curso no Collège de France, fui aluna do professor François Perroux; sugeri que eu fosse assistir as aulas do Sartre, com quem eu sempre tive muita cisma, devido a questão da existência. E nessa época eu já tinha lido toda a obra do Sartre. Milton já vinha com a idéia de ler Sartre, que tinha sido sugerido por Richard Peet, um amigo dele. Eu tenho todas as gravações das aulas que assisti com estas pessoas. Então, eu tive um privilégio enorme de ter podido assistir cursos inteiros, para a minha cabeça se abrir como geógrafa e como intelectual.

Geosul- Que é uma coisa que você passa para seus orientandos...

Maria Adélia- Espero... Porque eu acho que o geógrafo tem que ser um grande intelectual. Por isso que o Carlos Augusto dá de 10 a O em todos nós; mesmo o Manoel Corrêa, o Milton. São pessoas com cabeça aberta. Para você entender como é o mundo, antes você tem que tê-lo na cabeça. Acho que isso é uma coisa muito da formação francesa. Lamentavelmente hoje a universidade francesa mudou muito. Hoje a universidade francesa está bastante americanizada, ensino a distância e não sei o que mais... . Eu acho que é uma pena. Porque sob o ponto de vista da reflexão e das ciências humanas, a universidade vai ter que acordar e se recuperar. Está virando tudo técnica: é o saber fazer, não é o saber pensar. E a geografia hoje também está virando técnica. Por isso que as físicas estão se restaurando, até politicamente. No caso brasileiro a geografia física hoje ocupa um grande espaço político nas instituições de fomento, por exemplo. Mas, esses colegas são, salvo honrosas exceções, mais técnicos que filósofos.

Geosul- Eu queria saber um pouco do seu retorno, quando você foi trabalhar com o Plano Nacional de Desenvolvimento Urbano.

Maria Adélia -Eu terminei o meu mestrado em 66, faço o básico do doutorado em 66 e chegando ao Brasil, de volta após 04 anos de ausência, não encontro ninguém porque o golpe militar de 64 tinha desestruturado tudo. Quando eu volto, a minha turma, Regina Sader, Luis Oscar, tinham sumido. Eu voltei com o mestrado e um diploma do IRFED como especialista em planejamento territorial no mundo pobre, crente que ia salvar o Brasil, tendo sido aluna de Celso Furtado e colega de Manoel Corrêa que me ensinou tudo que sei de agrária. Nada! Fiquei dois anos desempregada. Na USP era impossível entrar, porque a minha história estudantil não me credenciava. Se havia alguma coisa que o Curso de Geografia da USP não queria, era me ver pela frente, porque fui uma contundente liderança vinculada aos movimentos de esquerda. Com a paixão que eu tenho até hoje, com 61 anos de idade e me sinto com 18, imagina naquela época! Mas, uma coisa que eu me esqueci de falar é que sempre fui muito boa aluna em Geografia do Brasil, nunca tirei menos que 10. E o professor Aroldo de Azevedo, quando eu estava no último ano, me convidou para ser sua assistente. Mas falou: para isso, você tem que ir para Bordeaux. E lá era um antro de geografia reacionária. Aí eu disse: eu não vou ser sua assistente porque o professor Monbeig me convidou para ir para a França, e ele não apreciava o Monbeig. Ele queria que eu fosse estudar geomorfologia; ele e o professor Penteado. Eu disse: não! E fui para Paris. E depois com as vinculações que eu tive na França... fui aluna do Pierre George, do jovem Yves Lacoste. E esse instituto de geografia na França era nitidamente de esquerda, embora tivesse alguns professores de direita, porque naquele tempo se dividia muito bem esquerda e direita. Lá, então fui também aluna de professores mais à direita como a Madame Beaujeu Garnier, Pinchemel entre outros. Estes tinham uma interpretação do mundo diferente de Pierre George, de Michel Rochefort e Yves Lacoste, que eram mais próximos do Partido Comunista ou de partidos de extrema esquerda. E claro, quando volto em 66, tendo

sido aluna deles e orientanda do Michel Rochefort, fiquei dois anos desempregada, passando sérios problemas, com as origens sociais que eu tinha. Depois meus pais vieram para São Paulo: meu pai trabalhava numa oficina mecânica, e minha mãe, embora farmacêutica, só conseguiu emprego de recepcionista em um hospital. Então, o dinheiro da gente era curtíssimo. Mas eu insisti que queria trabalhar com planejamento, e comecei a dar um plantão na Secretaria de Planejamento do Governo do Estado de São Paulo, onde tinha alguns arquitetos amigos meus, e um deles, o Luís Carlos Costa, depois de muita luta, me conseguiu um pequeno contrato de trabalho. E lá fiquei 16 anos. Mas sempre querendo entrar na universidade. Mas lá na USP não tinha jeito. Depois foi criada a disciplina de Planejamento, em 1970, e fui convidada a ser a primeira professora, dando aulas como instrutora voluntária, isto é, sem receber um vintém, por dois anos. Eu sempre tive contratos temporários: o saber que eu tinha, não tinha na carreira. Então, sempre tive cargos de confiança no planejamento. Isso significa que a cada 4 anos eu estava desempregada. E isso fez com que eu me mexesse muito. Eu trabalhei na Secretaria do Planejamento até 1970, depois fiquei desempregada e aí um arquiteto, o Heitor Ferreira, me convidou para ir trabalhar no Rio de Janeiro, no SERFHAU, um órgão que fazia planejamento territorial, do Ministério do Interior. Eu era mestre e enquanto fazia minha pesquisa de doutorado tinha que trabalhar porque a minha família dependia de mim. Aí fiquei dois anos do Rio de Janeiro, no Serviço Federal de Habitação e Urbanismo, no seu departamento técnico que fazia as análises, acompanhava e fiscalizava a elaboração de planos diretores municipais e regionais que eram financiados pelo SERFHAU em todo o Brasil. Eu fui a fiscal do Primeiro Plano da Região Metropolitana de Florianópolis, que era coordenado pelo nosso querido professor Peluso, entre outros planos que fiscalizei, como também o de Fortaleza. E era um aprendizado imenso. Fiquei trabalhando sempre nisto; junto com o Luiz Carlos Costa criamos a Ação Regional em São Paulo, e quando era coordenadora, também fiz as pesquisas de campo do meu doutorado, que eu nunca tive

tempo para publicar no Brasil, até hoje. Na época foi uma contribuição importante: verificar dentro da minha hipótese como a urbanização ocorria, e que as cidades têm um mote próprio de produção do espaço, mas também funcionam num processo de consumo de equipamentos e serviços coletivos, usados pela sociedade em função da sua organização de renda. É o que hoje denominamos com maior clareza de uso do território ou espaço banal. Então, quanto mais pobre, mais você fica no lugar.

Agora, voltei a pesquisar o lugar. O Milton é que veio a aproveitar nos últimos livros dele, parte da minha tese de doutorado, que é o consumo de equipamentos coletivos em função da situação sócio-profissional e de renda. Eu verifiquei isso na região de Campinas, que quanto mais pobre mais “amarrado” ao lugar você fica. E quando não detém informação, nem sequer usa os equipamentos públicos que estão ao seu dispor na cidade. Isto é resultado de pesquisas de campo do meu doutorado que fui defender em 1975, quando já era coordenadora da Ação Regional em São Paulo. Aí eu já estava na USP. Mas não no Departamento de Geografia. Fui convidada pelo professor Nestor Goulart Reis a trabalhar na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Ele foi me buscar no Rio de Janeiro para ajudar a montar a pós-graduação. E eu, junto com o professor Juarez Brandão Lopes e o arquiteto Leo Nishikawa, desenhamos o primeiro modelo do curso de pós-graduação da FAU. Depois, foi transformado no atual curso de estruturas ambientais e urbanas. E eu me instalei muito bem na FAU. Me dou muito bem com os colegas de lá, até hoje. Mas eu sempre quis fazer minha carreira na geografia, embora tendo feito meu concurso de ingresso na universidade pela arquitetura, para uma disciplina que se chamava História da Técnica da Arquitetura e da Urbanização. Eu estudei muito porque não era arquiteta. Então organizei um grupo de estudos com meus colegas. Eram duas vagas e 14 candidatos. Propus aos meus colegas que nos organizássemos, pois desses 14 nem todos eram arquitetos, e formássemos um grupo de estudos. Chamamos os colegas mais velhos para nos dar algumas aulas. Eu convidei meus alunos dos

últimos anos para me ensinar história da Arquitetura. Desse grupo fazia parte o Manoel Lemes que depois veio ser meu orientando e que me ensinou arquitetura: como se projetava, como se fazia uma tesoura... . A minha prova prática e didática foi sobre arquitetura moderna e falar sobre Frank Lloyd Wright. Eu fui aprovada em primeiro lugar naquele concurso e me tornei professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, escola que até hoje sinto imensa saudade dos tempos que lá passei. Aí me estabilizei, mas sempre de olho na geografia. Um dia recebi um telefonema do professor Vincenzo Bochicchio, que era o nosso cartógrafo e ele me disse que estava aberta uma seleção interna no Departamento de Geografia da USP. Eu já tinha meu doutorado, já era professora da FAU e prefeita da USP. E o Departamento de Geografia sempre foi muito complicado do ponto de vista ideológico, de uma simplicidade no exame da política que prejudicou a vida do departamento, no meu modo de ver. Uma simplicidade e uma facilidade de projetar as visões pessoais como se fossem verdades absolutas. Se um colega achava que a carreira acadêmica era uma porcaria, não se abria concurso para quem quisesse fazer a carreira. Isto estagnou o departamento por quase 20 anos. Se você fizer uma reconstituição da história do departamento, vai ver que ficou muito tempo sem concurso, porque um ou dois achavam a carreira um problema burguês, provavelmente.. Eu hoje estou convencida que essas pessoas eram neuróticas e que não tinham coragem de enfrentar um júri público. Por que a carreira deve ser, inclusive, um procedimento lógico e justo para você progredir. Se as bancas são viciadas, isto é uma outra discussão. Depois eu fui entender também que os concursos podem ser manipulados a tal ponto que quando foi aberto e eu fui fazer, era chefe de departamento o professor José Pereira de Queiróz Neto, que me chamou de lado e gentilmente me falou: ‘não se inscreva neste concurso porque você não vai ganhar’; eu disse: ‘vou me inscrever, nem que tenha que impetrar mandado de segurança’. Cheguei com dois carrinhos de supermercado que era o meu currículo documentado. Éramos 22 inscritos e entre eles havia colegas no calibre de Carlos Walter,

Ruy Moreira, e outros promissores geógrafos, mas somente uma vaga. E o aprovado, segundo me disseram, já era o meu amigo Francisco Scarlatto, que era do PT. E o PT do Departamento de Geografia sempre teve uma visão muito estreita, tanto da militância política quanto partidária, e mais ainda do que é uma academia. Eles sempre acharam que a academia era um pedaço do partido, e isso prejudicou muito quem não era militante, como eu, o Milton. Tive uma sorte danada nos meus sorteios e avisei Deus e o mundo para irem assistir as minhas provas. Os membros da banca desse concurso, o professor Gil Toledo Sodero, a professora Adir Balestero Rodrigues e o professor Pedro Paulo Péricles, levaram muito tempo para dar o resultado do concurso. Eles não sabiam de uma coisa que eu já sabia: se você prestasse um concurso na USP e já fosse doutor e fosse classificado na frente dos mestres, você não trancava a vaga que era de mestre, então você entrava e não bloqueava a vaga e o departamento ganhava um cargo vago de doutor. Me deram a média 9,2 e para o Scarlatto, 9,1. Mas um dia, como prefeita da USP, estou despachando com o reitor, que era malufista, mas eu me tornei prefeita com o apoio do governador Montoro, que foi meu colega na Universidade Católica de São Paulo, quando lá lecionei no Departamento de Ciências Sociais. Ele me deu muita força política quando fui indicada pelo Prof. Denisard, que era meu colega da Economia e que gostava de mim pelo fato de eu ser urbanista e pela militância na ADUSP. E o reitor me falou que tinha despachado um negócio a meu favor, dizendo: ‘você não pediu sua transferência da FAU para a Geografia?’. Eu lhe disse: ‘não, eu não pedi; fiz uma seleção interna lá e fui aprovada, mas não consigo ver a ata’. Eu então disse: Magnífico, onde está esse processo que eu quero ver a ata? E mandou buscar o processo. E de fato ele tinha dado um parecer: ‘atendendo excepcionalmente a professora Maria Adélia, autorizo a sua transferência...’ Mas onde estava a ata do concurso? Não estava anexada! Aí eu tive que pressionar a secretária do Departamento, Dona Julieta, e ela me deu uma cópia da ata que levei ao reitor para ele dar o despacho que merecia. Mais tarde

Dona Julieta cobrou-me caro esta pressão, mas esta é uma outra história da minha vida no Departamento de Geografia, que malgrado tudo isto, aos poucos foi se normalizando.

O Milton tinha feito um concurso na mesma época que eu, e estava na Bahia. É importante contar essas coisas, porque a história da Geografia precisa ser decantada, porque não é possível que as antipatias pessoais se sobreponham à ética e sejam mais importantes que o nosso dever de produzir conhecimento. Foram tempos difíceis no departamento onde jamais participei por exemplo de uma banca de concurso de ingresso. E no entanto podia estar muito bem na FAU; onde até hoje sou professora orientadora. Eu recebo um telefonema da Helene Lamicq, de Paris, me dizendo: ‘você sabe que o Milton está no Brasil- era em 1973- e que está a dois anos sem conseguir trabalho?’ Eu nesta época era coordenadora da Ação Regional, o meu chefe era o Jorge Wilhelm, que hoje é secretário de Planejamento da dona Marta Suplicy. Aí eu liguei para o Milton e falei: ‘estou te mandando uma passagem, vem aqui falar comigo! Estou em condições de te contratar e você vem para São Paulo. O que você está pensando fazer?’ O Milton me respondeu: ‘Estou com o projeto da geografia nova, estou tentando escrever um livro’; Eu disse para ele: ‘então você vem para cá que o governo paulista vai te pagar, e por sinal vai abrir um concurso na USP para Professor Titular e a gente te inscreve’. Eu não sabia da dificuldade que tive para contratá-lo com esse senhor que hoje, como mencionado, é secretário da prefeitura de São Paulo. Quando ele assinou o contrato do Milton, logo em seguida me demitiu. Por que o Milton era “comunista” e ele não queria, provavelmente arriscar seu emprego, no Governo Paulo Egídio. Eu tinha falado para o Governador Paulo Egídio que sempre honrou com um enorme respeito a minha pessoa e ao meu trabalho: ‘estou contratando um professor que foi exilado e é um dos grandes geógrafos desse país e que vai me assessorar’. E o Governador concordou e assim Milton pode ser contratado. Mas quando o Jorge Wilhelm me demitiu, o Milton falou: ‘se você vai embora o que eu vou ficar fazendo aqui?’ E aí ficou novamente

desempregado, e eu também. O pessoal do Rio de Janeiro, a Ana Clara Torres Ribeiro, convidou o Milton para ir para lá e ele foi. Aí eu consegui uma consultoria na CNPU – Comissão Nacional de Política Urbana e Regiões Metropolitanas com o Jorge Francisconi em Brasília e fiquei lá 2 anos. Abriu o concurso de Geografia Humana na USP e eu falei para o Milton: ‘vamos te inscrever’. Reunimos o material dele, um pouco na França, um pouco na Bahia, um pouco nos Estados Unidos: ele tem coisa espalhada pelo mundo inteiro. Chamei o Manuel Lemes que era meu orientando de mestrado para nos ajudar a organizar o memorial e a documentação. Milton veio do Rio e fomos nós três inscrevê-lo. E foi a mesma coisa: esse concurso já tinha dono. Mas inscrevemos o Milton. Uma semana depois cancelaram o concurso. Aí falei para ele: ‘você vai voltar para o Rio que eu vou fazer umas embaixadas para trazê-lo para São Paulo. Fui falar com professor Aziz Ab’Saber que trabalhou para abertura de uma outra vaga para que o Milton se inscrevesse. Eu falei: ‘mas o professor Milton não precisa de vaga exclusiva’. Ele falou: ‘não, se inscreve quem quiser, mas a gente abre uma outra vaga porque o departamento está precisando’. Eu sou muito grata até hoje ao Professor Aziz. Aí inscrevemos o Milton. E nos atrapalhamos com a data de realização do concurso. Perdemos a data. Por sorte nossa que ninguém se inscreveu, provavelmente com medo de competir com ele. Novamente um concurso foi aberto e novamente convencemos Milton a se inscrever. Foi nesta época que eu também fiz minha seleção na Geografia embora já fosse efetivada na USP, pela FAU. Tudo isso aconteceu até dezembro de 82. Daí nós combinamos: vamos subir aquela rampa de braços dados. E nós não tínhamos sala. O departamento vazio e nós não tínhamos sala. E eu prefitei. Ficamos uns dois anos no corredor. Ali nós despachávamos, conversávamos e íamos embora. Aí o departamento arrumou um lugar para mim, com a aposentadoria da professora Vanda. Eu falei para o Milton se instalar porque eu tinha o meu gabinete na prefeitura do campus. Ele falou: ‘eu me instalar naquela sala horrorosa?’ Aí arrumaram uma sala para ele. Era uma sala com o

Armen Mamigonian e com a Magda Lombardo. Foi a sala que ele teve lá a vida inteira. Eu acho um absurdo. O povo gosta de fazer a tipologia do espaço, mas não faz a tipologia para respeitar as pessoas importantes. Foi um período muito difícil para a gente e os episódios que nós vivemos naquele departamento são incríveis. Um dia vieram falar-me que nas plenárias do Departamento o professor Milton estava sendo designado para trabalhar na Faculdade de Economia, porque ele, teimoso do jeito que era, disse que só dava aula na segunda-feira, e os titulares e os mais velhos podiam escolher primeiro o que queriam fazer porque emprestavam seus currículos, os maiores e mais valiosos para o Departamento. Aí um colega disse: 'que negócio é esse de escolher o dia! Tudo bem, quer dar aula na segunda, vai lá dar aula para os economistas'. Eu fiquei indignada como perdem um professor titular, podia ser o Milton, ou qualquer outro. Você não entrega um professor titular para um outro Departamento! É elementar! Fui à plenária (eu as freqüentei apenas três vezes durante a minha vida acadêmica). Propus a rediscussão do problema, argumentei e ganhei na votação. Outra vez, o pessoal ia impedir o Milton de viajar para ir abrir em Tsukuba (Japão), um Congresso Internacional sobre o Terceiro Mundo. Falavam: ele não pára, viajava o tempo todo, que negócio é esse! Nova discussão, mais argumentos e mais uma votação vencida. Fui a uma terceira plenária, para me defender; acompanharam-me o Milton, o Armen e a Rosa Ester Rossini. Os quatro que sempre estavam junto do ponto de vista político. Aí depois, eu e o Milton decidimos estabelecer uma estratégia. Falei para ele que nós lá, éramos pessoas *non grata*, tínhamos o apoio da professora Rosa Ester e do Armen. O nosso plano era: primeiro vamos dar boas aulas, estudar muito e nos tornar imprescindíveis pelo nosso trabalho. E eu resolvi tomar de assalto um laboratório, que era um lugar onde funcionava o Instituto de Geografia. Através do laboratório – o LABOPLAN conhecido internacionalmente - organizamos essa geografia e a tornamos pública, fazendo eventos e tudo mais, trazendo gás de fora para aquele departamento tão fechado,

estacionado, desabrochar. Conseguimos projetar o departamento para o mundo inteiro, mas não conseguimos nenhuma sinergia, porque com a nossa saída, o departamento está voltando a sua velha condição. E fiquei sabendo que esta foi a atitude que a geografia da USP teve na reunião dos Geógrafos da América Latina no Chile. É uma pena! Não se produz mais eventos.

Geosul- Esta história que você conta nos ajuda a entender a garra e o afinco com que você defende as suas posições na geografia. Ontem na conferência que abriu a SEMAGEO você falou em questões que são muito importantes. E uma é: hoje a natureza é social, e a sociedade é espacial, alguma coisa desse tipo. Acho essa uma síntese muito boa da sua obra, que vocês construíram juntos...

Maria Adélia- Foi um diálogo.

Geosul- Mas gostaríamos que você falasse um pouco sobre espaço como sistema de objetos e sistema de ações, que é central nesse que eu considero como mais importante que é a natureza do espaço, que sintetiza essa construção toda.

Maria Adélia- Essa é a questão central do que chamo de Geografia Renovada. O que o Milton fez, foi dizer: se nós não acharmos um caminho novo, vamos perecer, porque ou nós vamos virar uma técnica auxiliar, analítica, fazedora de tipologia e seremos engolidos pelos novos objetos técnicos que fazem isso melhor que nós: a fotografia, o cinema, o vídeo. Nós temos que enveredar pelo caminho da compreensão. Aí situa a contribuição genial do Milton. Só ele mesmo! Eu tive um diálogo cotidiano com ele nestes últimos 20 anos, de trocar leituras, discussão, experiência de vida. Acho que a proposta genial de restauração da Geografia que o Milton faz, é de nos ensinar isso: que o espaço geográfico é uma instância social. E é isso que traduzo, com o meu jeito de falar, dizendo que a gente tem que deixar o espaço como palco, com essa materialidade só física, passível de exame técnico e de descrição. É mais do que isso. Ele dá esse conceito abstrato. É como se ele fosse o envoltório da vida. E quando o espaço se materializa, se eu pudesse dizer assim, vira paisagem. Ele está lá,

mas para estudá-lo, e isso é um problema de método, vira paisagem. Mas o espaço também pode se materializar como território usado, se a minha ótica for as relações sociais (políticas) que configuram o espaço geográfico. Se não for assim, fica difícil entender a Geografia no mundo de hoje e entender essa possibilidade que é dada pela empiricização do planeta: eu ver o planeta rodando, estando nele. Isso é que é genial! Essa sensibilidade de entender o mundo contemporâneo. Quando ele vai dizer que esse espaço geográfico é um sistema indissociável de objetos e ações, você tem que entender. Às vezes ele nos complica a vida. Ele ora define espaço como uma acumulação de tempos; mas ele também diz que paisagem é uma acumulação de tempos. Como eu leio a obra inteira dele, junto os pedaços que estão aqui e acolá, e dou a minha interpretação. A paisagem é uma acumulação de tempos. O espaço é uma instância social. Mas tem horas que ele diz que é o espaço. A sociedade gera, através da história, a materialização formal do produto social, e isto é paisagem. E você tem uma metodologia para estudar paisagem, que é diferente daquela que se usa para estudar as cidades. Você pode dizer: mas a cidade também é paisagem. É, mas se ela for paisagem, e a outra paisagem? Então hoje eu estudo a cidade sobre uma outra ótica da compreensão do que ela é: um grande espaço de solidariedades, de interesses. E aí vem um novo conceito: o lugar. Que não é mais a paisagem. Outra coisa que a Geografia não pode esquecer, que são dois conceitos abstratos, é a unidade e a distância, é a minha leitura do Milton e muito influenciada por um geógrafo francês Claude Detaillé, de Rouen, que em muitas coisas vai além do Milton. Estou lendo a obra dele, porque agora estou mergulhando na compreensão do que seja o lugar, como o espaço da resistência a essa globalização. Hoje o planeta está mais telematicamente ligado, eu salto do espaço geográfico – esse sistema de objetos e ações – para o lugar, se eu for estudar as cidades, ou as regiões metropolitanas, uma geografia com uma ótica que poderíamos dizer mais zoom! Mas se quero estudar a geografia de uma forma mais completa, porque também ela é relacional, daí a importância

do conceito de distância. A unidade é o ponto, o lugar; são as relações imbricadas na forma, quer esta forma seja um campo de soja, ou seja, a avenida beira-mar, e revela, como o Milton nos ensina, uma intencionalidade. Essa forma é conteúdo. Ele vai buscar isso no Sartre. É nesse salto que ele quer nos ensinar a dar, da compreensão do espaço geográfico como coisa abstrata, para que ele efetivamente se geografize. E para isso tem que adequar essa conceituação para que possa estudá-lo nas formações sociais ou formações sócio-espaciais. Isto é outro atributo da Geografia que a gente tem que caracterizar no mundo de hoje, de diferenças e desigualdades. Pois, a Geografia nada mais é do que a explicação dessas unidades e dessas distâncias que se estabelecem no planeta em função das determinações históricas. Quando ele fala em ações, está falando em história: as decisões que se tomam, normativas ou não. O planejamento é uma decisão normativa e que tem implicações na forma, deliberadamente ou não. A norma, lamentavelmente no mundo de hoje, é feita para dar ao outro a possibilidade de escapar dela, embora ela seja tida como a conduta. A tradução geográfica de unidade é o conceito de lugar; a tradução geográfica do conceito de distância, de movimento e de tempo, é o espaço geográfico, que é maior do que aquilo que você vê, porque é abstrato. E essa é a genialidade da obra de Milton Santos. A gente finalmente tem uma categoria analítica do mundo, e de natureza geográfica. Como a Sociologia tinha uma categoria analítica que é classe. Se você reduz o espaço geográfico a palco, perde a riqueza dessa categoria analítica. É preciso um esforço filosófico e de abstração para entendê-lo. Mas quem entende isso dá um passo à frente no seu estudo. Mesmo que seja entender as dinâmicas do tempo natural, da natureza primeira. Mas essa, hoje, creio que foge do objetivo da Geografia.

Geosul- Neste sentido o objeto é extremamente importante, porque nesta palavra está embutida a técnica. Não dá para dissociar.

Maria Adélia- Porque o objeto hoje é cada vez mais técnico, científico e informacional. E esta é outra fantástica contribuição que o Milton vai dar. Tem gente que acha que o rio e a floresta são

objetos naturais. Para geografia não são mais: são provavelmente para a hidrologia e para a botânica, esse é outro problema: como as pessoas têm mania de politizar tudo, e não têm formação disciplinar para discutir, então ouvem como se fossem jornalistas. Ontem duas pessoas vieram me falar: você acabou com a questão ambiental. Eu disse, não! Só que na minha Geografia, ela não é objeto do meu estudo. Acho que a questão ambiental se presta a um importantíssimo e fundamental discurso político de combate na vida contemporânea. Mas, isso é objeto de Ciência Política e não da Geografia. O objeto da Geografia é o espaço geográfico, esse sistema indissociável de objetos e ações. Então, eu tenho que entender os objetos e as ações que presidem a criação dos objetos; essas formas, que eu não vejo como formas vazias e ingênuas. Hoje eu tenho que compreendê-las para ver de que maneira elas implicam no movimento social. E a Geografia tem que fazer isto, senão, quem vai fazer? A Sociologia não faz, porque não entende nada de espaço geográfico, nem de território, nem de região, nem de lugar, nem de paisagem. É um campo disciplinar nosso, que nós temos que construir. Se eu entrar pelo ambiental, eu serei uma péssima bióloga. Eu estava discutindo isso com uma colega que estuda solos e disse a ela: o que você faz não é Geografia; você é uma excelente pedóloga. Mas, acho que a pedologia não deveria ser mais ensinada aos geógrafos. Veja em Campinas: um problema para saber o que será feito com as Ciências da Terra. Eu queria uma disciplina básica que se chama Sistema Terra I no primeiro ano do curso, junto com os colegas geólogos. O que eu faço: dou uma introdução a essa Geografia Renovada, explico o que é o mundo, como os conceitos vão evoluindo, e vou mostrando no planeta como essas geografias vão se fundando e quais são os aspectos que mais chamam a atenção dos geógrafos. Não há dúvida que a poluição é uma questão importante. Mas o geógrafo vai estudar poluição como? Através da climatologia? Não, eu acho que ele tem que estudar poluição através daquilo que reproduz o capitalismo, no seu segmento mais importante que é o funcionamento das grandes empresas transnacionais e o uso do

território. Não é ambiente. Como é que elas se reproduzem, os empregos que geram e as transformações que causam na paisagem, rural e urbana. O objeto da Geografia eu deixo bem claro. E começo ensinando para os meninos o conceito de natureza, quando é que a natureza era natural e quando foi necessário estudá-la assim. Mas hoje não é mais. Eles não têm uma disciplina que é fundamental: História do Pensamento Geográfico. Eles ficam estudando cálculos, físicas e químicas para se formarem geógrafos. Estudam, do meu ponto de vista, naquele currículo apenas oito disciplinas geográficas. Aquele curso acredita que é preciso matematizar o mundo. Eu acho isso um equívoco. A mesma coisa acontece com o pessoal que lida com SIG. Ao fazer um SIG acha que estão fazendo Geografia. Não há trabalho geográfico sem empiria, e não há trabalho geográfico sem cartografia. Nós explicamos a concretude do mundo. Mandeí um aluno meu ao INPE, pegar uma imagem de satélite do ano 2000. Ele domina SIG, eu não. Uma tipologia de uso do solo de Campinas. O que é que você vai fazer com esse território? O problema não é fazer a tipologia. Agora não pode confundir Geografia com essa técnica. De vez em quando eu posso até precisar desse conhecimento que você produz para explicar uma questão geográfica. Todo o curso de Geografia tinha que ter uma introdução ética. Porque se os geógrafos e os geólogos não tiverem uma postura ética perante a vida no planeta, quem é que vai ter? O que o planeta está precisando é de postura ética porque o mundo está precisando de ética. Mas não apenas de química, física. Você não está preparando geógrafos, está preparando técnicos. Nós como técnicos vamos perder para os engenheiros, é óbvio!

Geosul- Essa discussão revela o que os outros profissionais esperam da Geografia. Acho que a gente poderia discutir um pouco mais no sentido do que os geógrafos precisam saber para fazer esta Geografia que não dá para excluir o mundo dito físico.

Maria Adélia- A minha discordância é de método. Não dá para a Geografia deixar de discutir a Amazônia, agora depende do

método. E não é pelo viés ambiental. É pelo estudo do espaço geográfico.

Geosul- Nesta definição de espaço ainda, você tem três palavras chave: a palavra objeto, a palavra ações e também a palavra sistemas, que a gente tem fugido bastante dela.

Maria Adélia- Sempre tive uma polêmica travada privadamente com o Milton, pois acho que sistema é um ranço neoclássico dele. Dialeticamente falando, creio eu, a palavra sistema, não se aplica ao mundo. Milton dizia sempre que estava falando do sistema aberto. Mas a idéia de sistema pressupõe um reencontro, isto é Heidegger e não eu. Pressupõe ainda, mesmo que num instante, o congelamento da realidade. Isso é inadmissível na dialética. Eu acho que a palavra sistema empobrece a compreensão do mundo. Se houvesse sistema seria fácil você segmentar. A realidade é intangível, em permanente movimento. Quando a gente analisa, a gente é obrigado a congelar a realidade. O que não pode é confundir isto com ela. Tem que ter uma postura filosófica de entender o mundo em constante movimento. É um texto maravilhoso do Heidegger quando ele critica essa idéia de sistema. Eu tenho uma concepção de mundo que envolve metafísica, eu não sou materialista. A matéria se transforma em energia, que não é material, é movimento. A vida é movimento, logo não é matéria. Foi Ortega y Gasset quem me deu esta inspiração.

Geosul- Te conhecia como planejadora, e vejo o planejamento que é impor ou buscar uma intencionalidade. Como é esta relação de Geografia e planejamento?

Maria Adélia- Eu sempre entendi o planejamento como um segmento do processo político, não como maquete, exatamente porque o planejamento é sinônimo de intencionalidade. E a intencionalidade tem que ser decidida no campo da política. Urbanismo é uma técnica, agora planejamento é uma política. Então quando o Milton pede para a gente refletir sobre a técnica e a política, é porque o desenvolvimento da técnica e da tecnologia traz ao centro da arena a discussão política. Chegou a hora da tensão. E eu acho que a política se imporá, como foi a economia há

300 anos atrás, que restringiu a existência à materialidade. A política não tem materialidade, é embate de poder. É claro que tem essa discussão do que comer, do salário mínimo, mas esta é a discussão mais pobre, menos elaborada. Acho que aí tem um campo de reflexão sério, profundo. Mas eu acredito em Deus, nessa energia que também rege o movimento do mundo e a vida do planeta e que se chama equilíbrio. Quando esse equilíbrio se rompe você pode dar o nome que quiser: questão ambiental, ecológica. Mas tem outra coisa que a gente tem que pensar e que tem sentidos já disponíveis no campo da política e que é a tradução humana destas necessidades de igualdade, justiça, cidadania, solidariedade. O lugar - que o Milton se refere como o espaço do acontecer solidário - para mim esta definição não é geográfica; segundo Retaille, é o espaço da unidade numa dada concepção escalar, e Sartre diz: é o espaço efetivo da existência. Como para mim a existência não é só material, o lugar vai me ajudar muito a botar para fora esta Geografia. Não sei se te respondi, mas o planejamento é uma grande intencionalidade, portanto está no campo da política.

Geosul- Você participou em um momento na elaboração de uma política nacional e inclusive até, com atenção especial, para a Região Sul. E deste uma dimensão que poderia se chamar de política da espacialização da urbanização do país, que depois não se repete mais. Esta ignorância vem de onde?

Maria Adélia- Foi o maior sofrimento meu, quando eu fazia política nacional de desenvolvimento urbano com o Jorge Francisconi, e eu não tinha a clareza que tenho hoje sobre o espaço geográfico. Quero ver se até o final do ano, lanço um livro refletindo sobre como faço, hoje, planejamento. Acho que o planejamento é um valiosíssimo instrumento de política coletiva e decisão sobre as coisas concretas. Aquela baboseira toda de plano diretor eu estou demolindo. O que até hoje me causa muitas dificuldades nos debates que eu faço sobre planejamento é esta pobreza de visão que os outros profissionais têm sobre o espaço. Eu me lembro, que para incluir no Segundo PND, uma página e

meia que falava sobre o PNOT, Política Nacional de Organização do Território, foi um embate e quando consegui desenhar no mapa do Brasil as quatro grandes áreas de intervenção de política, era a minha maneira de dizer que o espaço era uma instância social e muito sensível à ação política. Aquilo foi um parto. Essa pobreza que os arquitetos e urbanistas têm sobre o conceito de espaço, vista por eles como um palco, onde as coisas acontecem em cima. Assim fica muito complicado entender como na cidade tem o lugar que era só do pobre, ou só do rico e que hoje está tudo misturado. Estive em Ribeirão Preto na semana passada para uma reunião com o pessoal da Secretaria de Planejamento que está fechando a lei do zoneamento. Eu perguntei para quê? Você tem uma planta do zoneamento antigo de Ribeirão e ela está respeitada? É preciso rediscutir a temática da gestão do território da cidade e seu sistema normativo. Primeiro, porque eu acho que o zoneamento não devia estar no Executivo e sim no poder Legislativo. Hoje eu só falo para vereadores, que são os que votam a lei do plano e, lamentavelmente a grande maioria ignora completamente as leis. É preciso formar melhor os vereadores e seus assessores. Ninguém nunca se interessou por eles. E é claro que eles votam em função de seus interesses e de quem financiou suas campanhas. Abri um curso para vereadores no meu Instituto, para mostrar o que é o poder local e a lei de responsabilidade fiscal. Sabe quantos se interessaram? Dois. Agora eu disse que eu vou dar um curso, de graça, lá em Pinhal. É um projeto que chamo de “Dinâmica do lugar e tecnologia da informação”. Como é que o lugar se apresenta ao mundo; o lugar no mundo contemporâneo. Os instrumentos que se criam para servir como mediação - plano diretor, lei orgânica - isso é letra morta, porque não é socialmente discutido. E os vereadores, que deveriam ter essa função que nós delegamos com o voto, eles não fazem isso. Planejamento, tem que parar de ser discutido na Prefeitura. Precisa ser discutido na Câmara e obrigar os vereadores a se posicionar. Aprendi isso com a minha livre docência na USP. Neste tempo o Senador Suplicy era presidente da Câmara Municipal de São Paulo e resolveu fazer

uma limpeza na corrupção da Câmara. Eu fotocopiei e tenho na minha casa, quase todos os documentos que acabaram sendo queimados. Eu tenho todos os documentos importantes da Câmara Municipal de São Paulo, que implicou na perversidade da construção daquela cidade. Coisas inacreditáveis! Como por exemplo, a comissão de urbanismo, que discute e libera solo: todos os pareceres das propostas que são feitas para mudar o zoneamento são verbais. Proibido de estar documentado. Eu tenho a declaração de um vereador que foi por 22 anos presidente desta comissão - que é uma das mais importantes, junto com a de finanças -, que foi o Brasil Vita e que agora não se reelegeu. E como que a gente não percebeu isso: esses pareceres verbais! A gente deixa o Legislativo correndo solto. Eu agora estou advogando que todo o sistema de planejamento tem que ir para o legislativo, e o executivo executar o que o povo decidir. Num estado democrático, cada vez mais o prefeito é amarrado pelo legislativo.

Geosul- O que seria então pautar o planejamento por uma ética? Como é que se estruturariam estas dimensões em que a ética deveria estar incorporada?

Maria Adélia- Primeiro, eu acho que tem que demolir o discurso de que a política é aética. E aí é pegar os filósofos que já têm falado sobre isso. Porque a humanidade aceitou muito tranquilamente que a política é uma atividade suja. Eu acho que isto é ideológico. Política, pelo contrário, é a mais nobre das ações humanas. Há um caminho longo a ser estudado, discutido. E a ética é a norteadora da ação política. Eu me lembro uma vez conversando com o Dr. Ulysses Guimarães, que gostava de me ver falar. Eu o conheci como militante do PMDB que fui, durante muitos anos. Se eu fosse fazer uma conferência ele estava lá, e tinha um carinho muito grande por mim. Eu fui candidata a deputada, e estava tão ansiosa com as coisas que estavam acontecendo no país, que achei que tinha que sair da academia e ir para a política. Eu imaginava que para saber fazer política, bastava falar bem, ter um raciocínio rápido. Mas a política ainda é um lugar muito sujo. O Ulysses me dizia: ‘Adélia você tem que continuar’.

Ele me estimulou muito. Eu saí candidata por conta dele! Mas não tenho a tolerância necessária para fazer política. Tenho muito o que aprender e não há mais tempo para isso. Tive que aprender que quando você vai para a batalha da política eleitoral, a população tem um respeito pelo político maior do que pelo cientista. Isto me deixou louca! Eu dizia: o povo brasileiro está realmente na boca do bandido. E fiquei muito pirada com aquela constatação. As negociações políticas são muito duras e cruéis e exigem muita concessão. Eu fui fazer campanha e ofereciam dinheiro: ‘eu te dou tanto para fazer um santinho e...’, mas não tinha conversa. E o Dr. Ulysses me dizia: ‘você só faz política engolindo sapo’. E eu não aprendi ainda a engolir sapo. A outra coisa que me angustia muito é a impotência da política brasileira hoje como elemento efetivo de transformação. Eu sou uma pessoa muito ansiosa e as mudanças são muito lentas. Se você não tiver tolerância e paciência, não pode fazer política. O PMDB me deu a legenda até por oportunismo do partido. Outra vez eu fui a primeira mulher candidata a prefeita de São Paulo. E tudo para desbancar o Jorge Wilhelm que estava em primeiro lugar nas pesquisas, contrariamente, aos desígnios do PMDB que já havia escolhido Mario Covas para Prefeito de São Paulo. Fui convocada pelo partido para sair candidata. Eu tinha um bebê e não era casada. Eu disse para o Milton: vai ser uma loucura, mas que vai ser um barato, vai! Conversei, com alguns grandes amigos meus, o Joaquim Guedes, o Scaringella. E falei que nem roupa tinha e eles disseram: isso a gente arruma! Me deram três vestidos. E falei para o Montoro: ‘pode me lançar’! Ele disse: ‘eu sou governador, não posso lançar ninguém, você se vire’. Mas você me deu a tarefa...E ele falou: ‘você é inteligente e vai achar um jeito de se lançar!’. E volto eu para os meus assessores. Que eram três! O Guedes falou: ‘vamos falar com um grande político que é capaz dele te lançar, mas antes disto, vamos falar com as mulheres, talvez elas te lancem. Aí fizeram uma reunião com as mulheres do PMDB: Marta Suplicy, Ruth Escobar, Silvia Pimentel, Florisa Verucci, Ruth Cardoso, Eva Blay e mais umas 12 mulheres. Nos reunimos numa casa e essas mulheres quase me

mataram, porque eu não sou feminista e, exceto Ruth Escobar, decidiram não apoiar a minha candidatura. Eu constato a diferença social, de remuneração e tudo o mais, mas não acho que esse seja o argumento maior. Porque o feminismo também é muito de conveniência, mas isso é outra discussão. Mas era melhor que um político me lançasse como a Silvia Pimentel, que era deputada estadual, professora da PUC, ou a Marta Suplicy que participava do TV Mulher, na Globo. Mas elas decidiram que não iriam me lançar! E falei com o Montoro: olha a conversa com as mulheres do PMDB não deu certo! Aí o Joaquim Guedes sugeriu: vamos falar com um Deputado Federal que eu acho que ele te lança. Quando eu chego na casa do Guedes era o Robertão Cardoso Alves. E aí? Eu falei: Guedes, esse não! Eu tenho uma história diferente. Alguns colegas já diziam que eu era do SNI, pelo fato de ter trabalhado no governo militar, eu era funcionária, como todos fomos! Aí o Scaringella que eu gosto muito, foi diretor do trânsito de São Paulo, bolou um jeito. Ele lendo a Folha de São Paulo descobriu que o governador às 11 horas, toda terça-feira recebia os deputados e a pauta era a indicação do prefeito de São Paulo. E falou: 'Adélia, tive uma idéia; depois que ele recebe os deputados, ele dá uma coletiva para a imprensa, e quem vai te lançar a prefeita de São Paulo, vai ser a Rede Globo'. Avisaram o Montoro. Em política séria, não há improviso. Quando terminasse a entrevista com a imprensa, eu iria meter o pé na porta e entrar gritando que eu era uma cidadã paulistana e que eu não admitia a hipótese que as discussões de uma cidade que tem a maioria de votos femininos, não tivesse uma mulher como prefeita. Mas na hora que ele estivesse falando com a Globo! E não deu outra, na hora a Globo tirou o foco do governador e pôs em mim. E assim saí candidata a prefeita de São Paulo. Aí, claro, Marília Gabriela e Marta Suplicy, me entrevistaram na TV Mulher: tenho tudo isto gravado. No programa da Hebe, fui umas tantas vezes. Com isso, eu fui a primeiro lugar nas campanhas de opinião pública. Se não fosse aquele primeiro quebra-quebra que os trabalhadores fizeram no Largo Treze de Maio... Aí os opositores- e éramos 8 candidatos-

começaram a trabalhar. E se tem um quebra-quebra uma mulher consegue administrar? E eu caí de primeiro para segundo, de segundo para terceiro, e o Jorge Wilhelm voltou para primeiro, e o Mário Covas ficou em quinto lugar. Aí eu inventei um jeito: escrever um programa de governo e debater. E foi num debate de programa de governo na OAB, num auditório de 600 lugares, que fiz uma pergunta para o Jorge Wilhelm: o que era uma nota de empenho e que ele descrevesse como era uma nota de empenho. Olhe que pergunta boba! Mas quem não sabe o que é uma nota de empenho, não pode administrar, nem ser secretário de planejamento, que ele já tinha sido. E ele não soube responder. E ele caiu de primeiro para o último lugar. Aí eu entrava no Palácio e era uma festa. O Mário Covas tinha por mim um carinho imenso. Quando eu assumi a prefeitura da USP, ele era prefeito da cidade e foi lá na minha posse. Depois disso é que fui candidata a deputada. Mas as reuniões de política... Tinha um candidato que ia armado, quando falava, botava o revólver em cima da mesa. Foi uma experiência maravilhosa e inesquecível!

Geosul- Você fez duas vezes menção sobre a pesquisa que está desenvolvendo na sua terra.

Maria Adélia- Eu gosto muito de ensinar, mais do que pesquisar. Mas a pesquisa é o alimento do ensino. E eu sou muito disciplinada intelectualmente. Durante muitos anos eu estudei só a cidade de São Paulo e depois que eu fui entender essa Geografia Renovada, fui me abrindo para a compreensão do mundo. E isso foi me levando a organizar três linhas de investigação com as quais eu trabalho hoje. Uma linha que é entender um pouco o território brasileiro, ver como espaço geográfico vira território. É assim que saiu a tese do Ewerton, do Ricardo Castilho, uma belíssima tese do Márcio, é assim que está saindo a tese do Renato Balbim que estuda as práticas espaciais na cidade em função dos sistemas de radarização e de informatização da cidade. A tese do Castilho foi a nova interpretação do território brasileiro em função dos sistemas de monitoramento com o uso da telemática; o Ewerton que é uma fonte de inspiração para eu aprofundar esse conceito de lugar, foi

meio cobaia sem saber. Como é que o lugar se arruma para se apresentar ao mundo?, e tomou Florianópolis como objeto de estudo. Então isso é uma linha: o uso do território, compreensão teórica da dimensão de lugar, como reação a esse mundo do mercado. A outra, que começou com uma singela homenagem ao professor Josué de Castro, porque vi que a Geografia da Fome não tinha espaço e comecei em 91 com um projeto de pesquisa que vai lentamente, porque ninguém quer saber da fome, e acabo de receber um parecer da FAPESP, de um colega, dizendo que eu estou completamente equivocada e que não se interpreta o mundo a partir da fome. E não me deu 10 mil réis que eu havia pedido para pagar os bolsistas. Essa pesquisa da fome virou a terceira linha que é a Geografia da Desigualdade. Vou publicar um livro, estou fazendo um atlas da fome, porque o Josué não pode fazer porque não tinha banco de dados. Agora estou me dando ao luxo de me trancar, porque eu acho que também tenho o direito de escrever meus livros. Ajudei a consolidar a área de Geografia no CNPq, na CAPES, criei a área de Geografia na FAPESP. Milton na frente e eu atrás; ele dá a idéia e eu carrego o piano. Foi assim na ANPEGE, na ANPUR. Mas ele não precisou carregar piano. Mas a minha cota de militância eu já dei. Agora eu quero parar e escrever. Estou com cinco livros quase prontos. Tenho um sobre planejamento, metodologia de planejamento. Tenho outro, que está pronto o roteiro, só falta eu ter tempo para sentar, acabar de escrever e fazer o roteiro bibliográfico sobre região. Eu ensinei décadas sobre isso na pós-graduação e está quase pronto. Tenho este da fome que está pronto. Tenho outro, de quando eu comecei estas investigações sobre Território, Lugar e Poder e que acho que tem coisas primorosas que fui juntando, nestes últimos 15 anos, sobre a geografia eleitoral do Brasil. Tenho todos os dados sobre as eleições brasileiras, de vereador a presidente da República; talvez esse seja o primeiro que saia. Tenho um outro sobre um curso de metodologia, que eu dei na Argentina há uns 15 anos e que nunca dei no Brasil, explicando as escolas filosóficas e seus métodos, porque se você não souber isto, você lê os artigos e não sabe o

método que está sendo utilizado. Porque às vezes o pesquisador se diz um marxista e é um analista frankfurtiano, e não sabe o que está escrevendo. A pós-graduação não ensina isso. Esse livro está pronto, só falta dar uma arrumada e uns recheios bibliográficos. O outro se chama “Poder Local e Gestão Territorial”, onde eu vou botar para fora os estudos sobre o lugar. Mas você tem que ganhar a vida também. E criei um instituto dentro do qual montei uma editora. O “Novo Mapa do Mundo” tem volumes que já estão na oitava edição e a gente nunca recebeu um tostão. Quinhentos livros pagam uma edição. Quero publicar as teses lindas e caras da Geografia e as editoras comerciais não querem. E eu quero ver se crio um fundo para editar pelo menos as teses dos meus alunos e depois as outras coisas. Ontem, o Benko me mandou um e-mail me autorizando a traduzir e a publicar um dicionário de Geografia que ele acaba de fazer e que é um primor e que abre mão dos direitos autorais, porque ele conhece esse meu projeto de fazer um fundo. Milton e eu deixamos de publicar na Hucitec e Milton agora está publicando na Record. Então, são essas coisas agora que estou me dedicando, ao meu instituto que se chama Territorial e espero que vocês visitem o site dele. O CNPq, a FAPESP e a CAPES já me cadastraram. Eu consegui o reconhecimento na UNICAMP de meu doutorado. É a única universidade no mundo que não reconhece o título de outras universidades. Agora assinou com a USP um convênio de mútuo reconhecimento de títulos acadêmicos. Entrei com um processo de reconhecimento da minha livre-docência e se bobear e eles abrirem um concurso para titular, eu me inscrevo.¹

Geosul- Para terminar, gostaria que você falasse um pouco sobre a Geografia, saindo do eixo Rio-São Paulo.

Maria Adélia- Eu acho que a Geografia brasileira está vivendo um momento crítico. Primeiro, tenho que dizer uma coisa que eu acho que a gente não pode confundir a geografia com os geógrafos. A Geografia é maior que os geógrafos. Por solicitação externa,

¹ Quando a entrevista foi dada, Maria Adélia Aparecida de Souza ainda era professora da UNICAMP, de onde se demitiu em 1º de fevereiro de 2003.

devido a importância do nosso labor, nós seremos requisitados para falar sobre as coisas em função daquilo que se abre como frente nos locais onde se trabalha. Acho que a geografia avança, cresce, porque é fundamental que ela se apresente. Se ela for feita por geógrafos, melhor ainda. O que me preocupa é que Geografia venha a ser feita por não-geógrafos. Isto atrasa a compreensão da sociedade sobre o mundo. E aí entra a ética. Nós temos o dever ético de sermos bons geógrafos e de reivindicar para a geografia - e isso não é corporativismo, isto é dever acadêmico, científico - o seu labor. Me preocupa que os geógrafos percam essa garra militante no sentido ético da disciplina, esta falta de formação ainda tristemente verificada na maioria dos geógrafos brasileiros. E isto está implicando até em fechamento de departamentos de Geografia. Eu acho que a gente tem que tirar uma linha de publicização desse labor. A obra do Milton nos ajudou muito. Essa visibilidade pública que o Milton teve, ajudou muito a disciplina. O que eu temo é que as instituições se chafurdem em brigas particulares e pobres e se esqueçam dessa missão que os geógrafos têm. E pela primeira vez, depois da importância do IBGE - que a gente não pode esquecer, porque deu neste país uma legitimidade para a nossa carreira e nossa disciplina, que depois se perdeu, com a pseudo- geografia militante, e que tem no Milton um grande culpado, diante dos eventos de Fortaleza junto com o Armem. Aquilo foi a meu ver um equívoco e uma confusão para trocar alhos por bugalhos, e que paga um preço muito caro até hoje, de gente que não tinha condição de entender a proposta dele e que depois ele perdeu o controle. Mas hoje a geografia brasileira refundada por Milton e uma literatura internacional importante, dão as condições necessárias para ela se firmar. Hoje o mundo tem excelentes geógrafos, como o Harvey, o Soja, Scott, Storper, Markusen, Benko, Detaillé, Robic entre muitos e os últimos trabalhos do Michel Rochefort. E os geógrafos precisam ler, estudar. Necessariamente precisam falar mais que um idioma e entender que nós somos cidadãos do mundo. O Milton é a expressão do geógrafo. E assim como eu comecei dizendo, faz

parte do meu entusiasmo, na disciplina que escolhi desde menina e que vejo nela sempre uma possibilidade de filosofar sobre o mundo e sobre a realidade.

Geosul- Nós agradecemos muito a sua disponibilidade em conceder esta entrevista.